



Uma análise do feminismo para além do binarismo em “Enquanto meus pés balançam”, de JeisiEkê de Lundu

Elisiane Santos de Matos*

Sandra Maria Pereira do Sacramento**

O feminismo contemporâneo é marcado pela denominada interseccionalidade, uma vez que começa a perceber que a opressão relacionada à mulher não perpassa apenas por seu gênero, mas implica a correlação de forças de categorias como classe social, etnia, identidade de gênero, entre outras demandas. Isso ocorre porque as mais variadas formas de opressão não agem de forma independente umas das outras, mas de maneira inter-relacionada. Desse modo, como alicerce para a opressão, as identidades sociais interseccionam-se com sistemas relacionados de dominação ou de discriminação. Intrinsecamente ligada à ideia de intersecção, a revisão que tem acontecido dentro do próprio movimento feminista, com o intuito de uma resignificação ainda inicial de seu sujeito “mulher”, parece bem coerente com a necessidade que outras identificações de gênero, como lésbicas e transexuais, têm de representação. Ademais, a capacidade de fazer sua própria reflexão crítica é uma das especificidades do movimento feminista desde sua gênese.

* Mestra em Letras – Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

** Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Nesse cenário, analisar o poema “Enquanto meus pés balançam”, de autoria de JeisiEkê de Lundu, presente na coletânea *Profundações 2*, sob a ótica interseccional da terceira onda do feminismo, faz-se pertinente às necessidades dessas minorias, que subsistem dentro do próprio movimento feminista e na sociedade, de uma maneira geral.

Profundações 2: uma obra feminista a contrapelo do binarismo impositivo e da heterossexualidade compulsória

Lançada em plataforma online pela *Voo Audiovisual*, em 2017,¹ a obra colaborativa *Profundações 2* é uma coletânea que mescla o trabalho de dezesseis escritoras inéditas (em sua maioria) e dezoito fotógrafas, oriundas de diversas cidades baianas e de outros estados brasileiros, organizada por Daniela Galdino, professora mestra da UNEB e *performer*. Conforme define Galdino (2017), na apresentação da obra, *Profundações 2* é resultado de uma desobediência à dinâmica do mercado literário marcada pela hierarquia.

De outro modo, a obra é uma maneira de dar visibilidade e voz às mulheres poetisas e prosadoras, bem como às *fotógrafas*,² que dialogam sobre temas ligados às suas vivências políticas e pessoais e, sobretudo, que desenvolvem reflexões relacionadas aos problemas de gênero e se veem, em alguma medida, excluídas do mercado literário e fotográfico:

Por refutarmos as dinâmicas literárias que, a cada dia, fabricam a nossa invisibilidade. Por sabermos que somos

¹ Link de acesso à obra *Profundações*: <http://vooaudiovisual.com.br/projects/profundancas2/>

² A utilização da terminologia *fotógrafas* intenciona romper com o binarismo masculino/feminino e contemplar as artistas transexuais que participam da obra.

muitas em profundas relações com a palavra. Por sentirmos uma necessidade avassaladora de falar com outres, ouvir as palavras suas. Por sabermos que alguns nos querem mortas (Galdino: 2017, 7).

Enquanto plataforma feminista, a obra literária *Profundações 2* compõe o objeto de estudo do presente artigo, que analisa, especificamente, um de seus poemas – “Enquanto meus pés balançam”, de autoria de JeisiEkê de Lundu – no contexto do constructo ideológico, que torna não inteligíveis e, portanto, invisíveis, as identidades de gênero inadequadas ao modelo ditado pelo binarismo e pela heterossexualidade compulsória do desejo. Butler explica como se dá o processo de exclusão dentro desse mecanismo de coerência e continuidade entre o sexo biológico, gênero, prática sexual e desejo:

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou o “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (2014, 38).

Propondo a “fluidez” como característica de seu gênero, o poema de Lundu serve de exemplificação às abordagens descon-

trutivistas dos estudos de gênero, que afirmam a necessidade de repensar discursivamente o sujeito do feminismo – assunto que será abordado mais à frente, neste texto. Por enquanto, é suficiente colocar em questão o que faz pensar em *Profundanças 2* como uma obra feminista pós-moderna alicerçada no pós-estruturalismo e, portanto, a contrapelo do binarismo impositivo e da heterossexualidade compulsória. Em primeiro lugar, nota-se na dedicatória da organizadora Daniela Galdino um total direcionamento às questões feministas:

Este livro é dedicado... à memória de sonho, devaneio e luta representada pela passagem de Frida Kahlo³ pela terra; à memória da educadora Arlete Vieira da Silva,⁴ pelo seu legado de esperança em tempos tão violentos; a todas as mulheres que, vivas, aliam sua existência à teimosia de construir outros mundos possíveis e assim resistem nos lugares onde se encontram/reencantam (2017, 5).

Galdino dedica a obra a duas mulheres com percursos pessoais e profissionais emblemáticos, cada qual em sua área de atuação, ao passo que estende, de maneira geral, a dedicatória a cada mulher que resiste e tenta criar *outras realidades*. Em segundo lugar, a constituição de *Profundanças 2* denota uma total preocupação por englobar, na nomenclatura “mulher”, as lésbicas e as transexuais – caracterizando uma consonância com as teorias desconstrutivistas

³ Frida Kahlo (1907-1954) foi uma importante pintora mexicana do século XX, com estética muito próxima do Surrealismo.

⁴ Arlete Vieira da Silva (2017) foi professora adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) no Departamento de Letras e Artes.

presentes no feminismo pós-moderno, que buscam ultrapassar a ideia de essencialidade do sujeito do feminismo, assim como tentam encontrar uma saída, para além do modelo binário das relações de gênero.

Por fim, o posicionamento crítico da obra se coaduna com o pós-estruturalismo⁵, na medida em que essa teoria coloca em questionamento as categorias unitárias e universais. A relação entre pós-estruturalismo e feminismo foi pensada por Joan Scott, como se vê nas palavras de Silvana Aparecida Mariano:

A construção do “gênero” como categoria de análise desde cedo se deparou com esses problemas. Sendo um conceito, Joan Scott entende que “gênero” necessita de uma teoria que lhe dê suporte. Essa teoria para a autora é o pós-estruturalismo, na medida em que permite questionar as categorias unitárias e universais e torna históricos conceitos que são normalmente tratados como naturais, como, por exemplo, “homem” e “mulher” (2005, 486).

Opondo-se ao estruturalismo saussuriano,⁶ que, por meio da estrutura binária, associa diretamente o significante (signo) ao significado (conteúdo do signo) e, portanto, deixa de centrar o campo de análise no discurso – como a tradição do logocentrismo platônico

⁵ Conjunto de investigações filosóficas contemporâneas, que busca negar ou transformar os princípios teóricos do estruturalismo.

⁶ Ferdinand de Saussure foi um linguista e filósofo suíço, cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência autônoma, exercendo grande influência sobre o campo da teoria da literatura e dos estudos culturais.

propunha –, Jacques Derrida elabora a teoria da desconstrução, que busca suspender todas as metafísicas baseadas na oposição e hierarquia, como o binarismo homem/mulher, por exemplo. Desse modo, a rejeição de Derrida às oposições inclui a estrutura binária significante/significado, mas vai além dela, estabelecendo-se enquanto crítica a toda estrutura binária, que “responde a um momento da *economia* (digamos, da ‘vida’ da ‘história’ ou do ‘ser em relação a si’)” (Derrida: 2013, 9).

No entanto, é preciso dissociar a ideia de desconstrução derridiana da concepção de destruição. Derrida não propõe destruir os conceitos estruturados de maneira binária opositiva. Inicialmente, há que se apagar o cerne dessa oposição e arrancar os termos da lógica binária da construção de suas identidades, deixando de lado os significados oriundos da lógica dualista – mas mantendo os conceitos, agora, dentro de uma lógica pós-estruturalista. Assim, percebe-se que o “eu” só existe dentro da língua e é a partir dela que é possível construir a identidade: “Não há identidade, justamente. Uma identidade nunca é dada, recebida ou alcançada, não, apenas existe o processo interminável, indefinidamente fantasmático, da identificação” (2001, 43).

Nessa perspectiva, assim como sustenta Butler, não há como se pensar em uma identidade fixa, plena, mas em processos de identificação assegurados “da língua e na língua”, em processos inacabados, em construção, nos quais a identidade é sempre adiada e diferida, feita através de uma “somatória de atributos” (Beato: 2004, 163).

Dessa maneira, lançar o olhar sobre o poema de inspiração autobiográfica “Enquanto meus pés balançam”, de JeisiEkê de Lundu, permite discorrer sobre a difícil tarefa que coube ao feminismo pós-moderno: subverter as identidades e desestabilizar, no campo

discursivo, os regimes de poder existentes, que alicerçam a estrutura binária homem/mulher, enquanto identidades essenciais impostas pela cultura, bem como elegem compulsoriamente a heterossexualidade como única possibilidade aceitável de desejo.

“Enquanto meus pés balançam”: a invisibilidade das identidades de gênero inadequadas ao modelo do binarismo impositivo e da heterossexualidade compulsória

Artista visual e performer baiana de 25 anos, JeisiEkê de Lundu é estudante de Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), transexual, não binária, que aborda em suas obras questões de gênero, contrapondo resistência à violência. Nascida na divisa entre os estados brasileiros da Bahia e de Minas Gerais, em seu poema “Enquanto meus pés balançam”, JeisiEkê de Lundu (2017) correlaciona seu local de nascimento com o seu *não-lugar* entre as categorias de gênero configuradas unicamente a partir do binarismo homem/mulher: “Nascida sem território, / cria da beira, / nem baiana nem mineira. / Nem menino nem menina, / sempre do lado de fora, sempre à margem. Nem macacão nem vestido” (p. 92).

O *não lugar* descrito por JeisiEkê de Lundu é decorrente da *ininteligibilidade* atinente às *identificações de gênero*, que não se encaixam na dinâmica de coerência causal entre sexo biológico, gênero, prática sexual e desejo. Segundo essa lógica, qualquer incoerência no trajeto dito “natural” entre o sexo biológico e as vivências dos desejos faz com que a identidade de gênero torne-se ininteligível. Entretanto, a não representação coloca essas identidades de gênero num *não lugar* bastante vulnerável.

Segundo Butler, de acordo com a matriz binária, essas identidades de gênero *não deveriam existir, pois* parecem ser meras

falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, portanto, não deveriam ser representadas:

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir”- isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituída pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade (2014, 39).

Ainda segundo Butler (2014), a categoria “mulheres”, ao pretender ser globalizante, torna-se normativa e excludente, além de opressora, pois impõe uma heterossexualidade pressuposta nas relações de gênero. Nesse contexto, o fato de não ser “nem menino nem menina”, ou seja, fora do sistema binário, *põe Lundu* (2017) também fora do campo da inteligibilidade, “sempre do lado de fora, sempre à margem” de toda e qualquer representação ditada pela matriz cultural. Nesse sentido, Butler afirma:

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas (2014, 38).

Nesse contexto, faz-se necessário um parêntese para a fala de Valcárcel, no que se relaciona à forma dicotômica de se produzirem teorias e, portanto, de se organizar o modelo de pensamento e de linguagem universal a partir dos pares:

No existe ninguna teoría compartida en el sentido de teorías comúnmente aceptadas, de cuál es el orden del mundo y por qué es bueno que sea así, que no argumente a partir de pares. Todas las ontologías y todas las ordenaciones simbólicas del mundo se construyen con pares de los que siempre se disse que son tensionales y que están en una especial relación que, en su día, se llamó dialéctica (2012, 68).

Então, se o pensamento do mundo se organiza em pares e, nas questões de gênero, o “homem” ocupa o lugar de privilégio nessa relação, enquanto a “mulher” é o *segundo dos pares*, quais lugares ocupam as lésbicas, os gays e os transexuais não binários, como JeisiEkê de Lundu? Os lugares da invisibilidade, da não representação – o *não lugar*, que só é notado a partir da reivindicação. Como aponta Bourdieu, essa estigmatização só se torna clara quando o grupo atingido pela invisibilidade se levanta contra essa forma de opressão:

La opresión entendida como invisibilización se traduce en un rechazo de la existencia legítima y pública, es decir, conocida y reconocida, especialmente por el derecho, y en una estigmatización que sólo aparece tan claramente cuando el movimiento reivindica la visibilidad (2000, 144).

Ao definir seu desejo como *pulsante* e seu corpo como *fluido*, Lundu, declaradamente, coloca seu gênero num lugar de transitorie-

dade, inconcebível ao mundo fixo e rígido proposto pela binaridade homem/mulher e desobediente à regra geral da heterossexualidade compulsória – que afirma que o sexo biológico deve desejar apenas o seu oposto assimétrico, ou seja, o sexo masculino desejaria apenas o sexo biológico feminino, por exemplo.

Enquanto pessoa transexual não binária, Lundu se auto-descreve no poema como sujeito múltiplo e contraditório ao ver do modelo dicotômico imposto – a binaridade homem/mulher. No entanto, essa fluidez só será concebível e aceitável a partir de uma ruptura na teorização do gênero no que se relaciona ao sexo, como afirma Butler:

Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (2014, 24-5).

No que tenciona ser uma autodescrição, nota-se, ao mesmo tempo, no poema, uma necessidade de Lundu de dizer aquilo que não é, como se sua identidade de gênero também fosse construída a partir da negação dos padrões impostos: “Espetáculo vida, isso não é teatro, / isso não é uma performance” (2017, 92). Nesse sentido, Butler afirma que a busca pela representação universal de um sujeito feminino leva à exclusão:

Com efeito, a insistência prematura num sujeito estável feminino, compreendido como uma categoria uma das

mulheres, gera, inevitavelmente, múltiplas recusas a aceitar essa categoria. Esses domínios de exclusão revelam as consequências coercitivas e reguladoras dessa construção, mesmo quando a construção é elaborada com propósitos emancipatórios (2014, 21-2).

Ao afirmar que *não é performance*, vê-se em Lundu uma tentativa de sair de toda e qualquer representação imposta pelos modelos dados, seja pela ideia do biológico como destino, negada por Simone de Beauvoir na primeira onda do feminismo, seja pela definição de cultura como determinante da identidade de gênero. Assim, a associação realizada a por Butler entre a sua crítica direcionada ao cultural e a crítica feita ao natural, por Simone de Beauvoir, resume-se em negar a cultura como único determinante nas identidades de gênero. Dito de outro modo, se o biológico não é destino, o cultural também não deveria ser:

Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (2014, 26).

A ideia de que Lundu não pretende estabelecer-se em uma nova identidade de gênero, tampouco se enquadrar em uma já estabelecida, volta a se destacar nos versos seguintes de seu poema: “Reflexo sem espelho. / Antropofagia sem sentido. / Não quero aqui afirmar nada, / mas confrontar suas certezas consagradas” (2017, 92).

O pensamento da poetisa “nem mineira nem baiana” coaduna-se com a ideia de Butler de que a identidade não deve ser o ponto de partida para a política feminista, pois a construção de uma identidade de gênero pressupõe uma normatização, uma unidade que, conseqüentemente, exclui e invisibiliza as identificações de gênero, que não se adequam ao modelo geral. Então, nesse sentido, têm-se duas pertinentes indagações de Butler:

Em que medida as *práticas reguladoras* de formação e divisão do gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito e, a rigor, o *status* auto-idêntico da pessoa? [...] E como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade? (2014, 38).

Da necessidade que o feminismo tem de, além da crítica aos conceitos totalizantes masculinistas, autocriticar os gestos totalizantes do seu próprio movimento, decorre a urgência em repensar-se, uma vez que, enquanto a categoria unívoca das mulheres for normativa e excludente, as dimensões não marcadas pelo privilégio de classe, raça e coerência entre sexo, gênero e desejo sexual permanecerão sem representação dentro do movimento.

A opção pela fluidez segue coerente nos próximos versos do poema de Lundu, ao declarar que não aceita limites à sua existência: “Meu desejo não é quebrar nem juntar, mas existir. / Isso é um grito de alerta, não de socorro. / Escorrem em mim versos / de uma poesia desconexa, / sem meio nem fim” (2017, 92). Nesse ponto, cabe destaque à postura combativa da poetisa transexual que fica clara na afirmação de que seu grito não é de socorro, mas sim de alerta.

Assim, é possível estabelecer graus elevados de incompatibilidade entre trechos do poema de Lundu (2017) como “desejo pulsante, corpo fluido” e “meu corpo é onda, camaleão sem referência” e o modelo fixo e estável, baseado no essencialismo e na heterossexualidade compulsória. A crítica de Butler ao universalismo pretendido pela representação feminista encontra respaldo, em sua visão, na diversidade cultural não contemplada pela ideia de “mulher” concebida pelo movimento:

A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal e hegemônica da dominação patriarcal ou masculina (2014, 20).

Em meio à não representação, Lundu luta apenas para existir. Ocorre que sua existência só será pensável a partir da rejeição de esquemas dicotômicos de pensamento, a exemplo da binaridade homem/mulher, da exaltação das diferenças internas de cada categoria, como é o caso das lésbicas e transexuais, dentro do próprio movimento feminista, da elaboração de um pensamento que contemple as pluralidades e as diversidades existentes na cultura, e do rechaço a abordagens essencialistas.

A seguir, o eu enunciador do poema deixa transparecer mais uma vez que, por ser fluida, sua identidade encontra-se em construção e que ela segue em confronto consigo mesma, para além dos embates gerados por sua invisibilidade e não representação. Mas

essa constatação se dá de maneira calma, como se a autora tivesse consciência de que este confronto consigo mesma fizesse parte do processo de construção de sua identificação de gênero sempre em trânsito, em processo.

Em associação metafórica e alusão ao seu local de nascimento – a divisa entre dois estados brasileiros –, deduz-se que Lundu quer trazer a paisagem imaginária da inadequação, ensejando uma liminaridade, que se torna problemática para si, diante da necessidade imposta pelo parâmetro representacional dualista, como se vê nos versos: “Meu território é confuso, / minhas vértebras são tênues, / Sigo em confronto comigo mesma, / em busca de uma construção / que não pretende subtrair nem somar” (2017, 92).

Segundo afirma Foucault, em entrevista a Jean Le Bitoux: “a sexualidade é qualquer coisa que se tem no interior de si mesmo, uma espécie de dinâmica, de movimento, de perpétua pulsão que se orienta para um primeiro prazer que é o prazer do corpo próprio” (2015, 10). Desse modo, é compreensível que a subjetividade presente em “Enquanto meus pés balançam” esteja em confronto consigo mesma, em processo de autoconhecimento, na descoberta de sua sexualidade e de sua voz, algo inerente a cada ser humano.

Ao final do poema, Lundu usa a metáfora “não sei se pretendo chegar a algum oceano”, como se dissesse não à necessidade, imposta pela cultura, de autoadequação a uma identidade de gênero e, a seguir, volta a afirmar que sua existência encontra-se no devir, em constante criação, em processo. A passagem “Ainda sou nascente” configura outra forma de afirmar o caráter transitório de sua identificação de gênero. Essa posição de não querer presumir-se concorda com a ideia de Butler, segundo a qual “talvez, paradoxalmente, a idéia de ‘representação’ só venha realmente a fazer sentido para o

feminismo quando o sujeito ‘mulheres’ não for presumido em parte alguma” (2014, 23-4).

Ademais, é preciso atentar ao movimento de ressignificação do sujeito do feminismo proposto por correntes desconstrutivistas. Embora algumas teorias digam que o desconstrucionismo não caminha lado a lado com o feminismo, é notório que essa corrente não vê mais no sujeito “mulheres” uma palavra representativa o bastante para englobar todas as identificações de gênero que compõem o sujeito do feminismo atual – e com esse ponto concorda alguma parcela do movimento feminista.

Antes de avançar no sentido de entender como o movimento feminista tem lidado com esse momento crucial – que é a compreensão de que qualquer representação é um ato de construção que tende a dar conta de uma categoria –, é preciso lembrar que o movimento das mulheres tem como especificidade a concomitância entre militância e teoria, ou seja, vai desenvolvendo suas conceituações teóricas à medida que avança em sua militância política, como afirma Céli Regina Jardim Pinto:

O movimento feminista tem uma característica muito particular que deve ser tomada em consideração pelos interessados em entender sua história e seus processos: é um movimento que produz sua própria reflexão crítica, sua própria teoria. Esta coincidência entre militância e teoria é rara e deriva-se, entre outras razões, do tipo social de militante que impulsionou, pelo menos em um primeiro momento, o feminismo da segunda metade do século XX: mulheres de classe média, educadas, principalmente, nas áreas das Humanidades, da Crítica Literária e da Psicanálise (2010, 15).

Mas a relação entre política e representação dentro do feminismo é bastante polêmica, haja vista que, enquanto função normativa de uma linguagem, a representação tem função operacional dentro de um processo político conferindo visibilidade e legitimidade às mulheres. Esse lugar ocupado pela representação, dentro da política feminista, é perigoso, pois pode, no curso das lutas, tanto revelar como distorcer a categoria mulheres.

Desse modo, não é estranho que a coincidência entre a militância e a teoria, às vezes, ocasione alguns atropelos, dissonâncias e autoquestionamentos dentro do próprio movimento, conforme corrobora Louro:

Os estudos feministas constituem-se, assim, como um campo polêmico, plural, dinâmico e constantemente desafiado; um campo que tem o autoquestionamento como “marca de nascença”. Como consequência, isso implica um fazer científico que supõe lidar com a crítica, assumir a subversão e, o que é extremamente difícil, operar com as incertezas (2002, 14).

Além disso, segundo Scott (2002), a história do feminismo não é marcada por percursos fáceis e opções disponíveis. Ao contrário, o movimento feminista é a história de mulheres (e de alguns homens) constantemente às voltas com a absoluta dificuldade de resolver os dilemas que enfrentam, inclusive, com dissonâncias dentro de seu próprio arcabouço teórico e da prática política.

Terceira onda: como o feminismo pós-moderno tem realizado a ressignificação de seu sujeito

Tendo o autoquestionamento como pressuposto do movimento feminista, pode-se avançar pela análise da reconstrução de

seu sujeito, que configura um dos importantes pólos de discussão do feminismo pós-moderno. Assim sendo, segundo Teresa de Lauretis, gênero é “um sistema simbólico ou um sistema de significados que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais” (1994, 211).

A definição de Lauretis não difere muito do que pensa Butler (2014), ao afirmar que o gênero é construído discursivamente. Logo, sua ressignificação, uma vez requerida pelas identidades de gênero que não estão dentro do campo do inteligível e representável, mostra-se relevante. Mais do que importante, a ressignificação de seu sujeito constitui um momento fundamental dentro do percurso de luta feminista, uma vez que demonstra a sua capacidade de realizar autorreflexões e se adequar ao contexto histórico e político do qual se originam suas pautas e demandas.

Assim como Judith Butler (2014), Chantal Mouffe (1999) entende que desconstruir o sujeito do feminismo é, longe de destruí-lo, propor uma ressignificação do que se denomina por “mulher”, de modo que, além das demandas oriundas das especificidades de classe, etnia, etc, que subsistem dentro do próprio movimento feminista, se possa contemplar, nessa representação, *gêneros que não se enquadrem* na dualidade homem/mulher, a exemplo de transexuais, como JeisiEkê de Lundu, autora do poema, objeto desta análise. Segundo Célia Amorós e Ana de Miguel Alvarez (2010), uma teoria feminista que se elabora, sem ter em conta sua tradição, corre o risco de reproduzir o mesmo pensamento. Por isso, tomando Simone de Beauvoir como ponto de partida, tem-se que a biologia não é destino e a compreensão do conceito de “mulher”, enquanto identidade, não nasce pronta, mas, pelo contrário, há toda uma construção ideológica e discursiva empenhada na tarefa de moldar a mulher a fim de adequá-la ao campo da subalternidade:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (1980, 99).

De acordo com Célia Amorós e Ana de Miguel Alvarez, o pensamento de Beauvoir funciona como uma espécie de dobradiça entre a primeira e segunda ondas do movimento feminista:

Asumimos a Simone de Beauvoir como una bisagra entre el feminismo ilustrado y el sufragismo, por una parte, y el neofeminismo de los 70, por otra. Desde este punto de vista, de Beauvoir representa la radicalización e la fundamentación ontológica de las bases de la vindicación, como tuvimos ocasión de exponer (2010, 35).

Ainda de acordo com Célia Amorós e Ana de Miguel Alvarez, a pauta feminista contemporânea a Beauvoir andava às voltas com a problemática do androcentrismo e, nesse debate, apesar de ter como claro o entendimento de que o masculino se colocou, clandestinamente, como o genericamente humano, a filósofa feminista existencialista Beauvoir ainda se situa no dualismo mente/corpo, perpetuando o binarismo e o essencialismo:

Beauvoir habría tenido que distinguir entre la transcendencia como aquello que define lo genéricamente humano y su apropiación ilegítima por parte del varón como la auténtica instancia de encarnación de lo que separa la humanidad

de la animalidad. Pues muchas actividades femeninas, incluidas por supuesto el parto y la crianza, van más allá de la inmanencia cuando se identifican con un libre proyecto humano. Así, parece que tiene pleno sentido distinguir la transcendencia, susceptible de ser redefinida sin trampas, de forma universalmente incluyente, y su lastre androcéntrico (2010, 40).

A segunda onda do feminismo, denominada feminismo radical, acaba por descobrir que não bastava integrar as mulheres ao universo da transcendência definido pelos homens. As feministas radicais levam às últimas instâncias a crítica ao androcentrismo, ampliando o raio da crítica feminista para o que se chamará crítica antipatriarcal, provocando uma revisão radical de teorizações presumidamente universais, como afirmam Célia Amorós e Ana de Miguel Alvarez:

El neofeminismo de los años 60 y 70, entre otras muchas cosas, llevó a cabo, dicho sea muy esquemáticamente, la crítica al androcentrismo. La nueva problemática de las mujeres, provenientes de medios de izquierda cargados de intereses de los varones y afectados de puntos ciegos en lo relativo a las vindicaciones de las féminas, lleva a éstas a una revisión radical de ciertas teorizaciones presuntamente universalistas (2010, 40-1).

Tem-se da primeira para a segunda onda do feminismo uma espécie de continuidade nas figuras de Beauvoir e Kate Millet. Enquanto a filósofa existencialista diz que biologia não é destino, Millet, ao afirmar

que “o pessoal é político”, acaba por estender a crítica do presumidamente natural e biológico ao espaço da vida privada. Mas nenhuma das duas teóricas ultrapassa o modelo binário e o essencialismo presente no sujeito do feminismo. Essa tarefa começa a ser empreendida pela terceira onda do feminismo – o feminismo pós-moderno, o qual, nesse sentido, tem como figuras proeminentes Judith Butler, Monique Wittig, dentre outras teóricas. A ideia de um feminismo interseccional, que surge nesse terceiro momento do feminismo, afirma que a identidade de gênero é construída discursivamente por vários componentes como sexo, raça, etnia, classe, idade e sexualidade. Segundo Butler,

se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas (2014, 20).

Na tentativa de englobar e representar efetivamente essa mulher, o feminismo da terceira onda busca uma ressignificação que dê conta desse conjunto heterogêneo de sujeitos, que contempla a palavra “mulher”. Teresa de Lauretis descreve bem em qual sentido o feminismo da terceira onda caminha na ressignificação de seu sujeito:

Com a expressão “o sujeito do feminismo” quero expressar uma concepção ou compreensão do sujeito (feminino) não

apenas como diferente de Mulher com letra maiúscula, a representação de uma essência inerente a todas as mulheres [...], mas também como diferente de mulheres, os seres reais, históricos e os sujeitos sociais que são definidos pela tecnologia do gênero e efetivamente “engendrados” nas relações sociais. O sujeito do feminismo que tenho em mente não é assim definido: é um sujeito cuja definição ou concepção se encontra em andamento, neste e em outros textos críticos feministas (1994, 217).

Nas palavras de Butler, Wittig elege a lésbica com um terceiro sexo, que promete transcender a restrição binária ao sexo:

Para Wittig, a restrição binária que pesa sobre o sexo atende aos objetivos reprodutivos de um sistema de heterossexualidade compulsória; ela afirma, ocasionalmente, que a derrubada da heterossexualidade compulsória irá inaugurar um verdadeiro humanismo da “pessoa”, livre dos grilhões do sexo. Em outros contextos, ela sugere que a profusão e difusão de uma economia erótica não falocêntrica irá banir as ilusões do sexo, do gênero e da identidade (2014, 41).

Enquanto, para Wittig, a lésbica é o único conceito que transcende a mulher, justamente pela recusa à heterossexualidade compulsória e à oposição binária com o homem, para Butler, por outro lado, colocar-se à frente da oposição binária é também uma maneira de se relacionar com ela e, portanto, ainda está fazendo parte do modelo imposto. Em vez de nomear a lésbica como ser transcendente ao essencialismo presente na ideia de mulher universal,

Butler propõe, como possível saída à reconstrução dessa identidade fixa, incompatível com as novas identificações emergentes, a ideia de *coalizão aberta*:

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor (2014, 37).

De acordo com Butler, a ideia de *coalizão aberta* comportaria unidades provisórias, que combinam muito mais com o caráter transitório e em constante construção das identificações de gênero, sendo mais adaptáveis, uma vez que podem emergir no contexto de ações concretas:

Sem a expectativa compulsória de que as ações feministas devam instituir-se a partir de um acordo estável e unitário sobre a identidade, essas ações bem poderão desencadear-se mais rapidamente e parecer mais adequadas ao grande número de “mulheres” para as quais o significado da categoria está em permanente debate (2014, 36).

Enquanto Butler (2014) defende a instituição de identidades provisórias adaptáveis às situações concretas, Bourdieu, por sua vez, propõe que a saída para a transformação duradoura das categorias

naturalizadas, como o binarismo homem/mulher, dar-se-á pela educação:

Para cambiar de modo duradero las representaciones, tiene que operar e imponer una transformación duradera de las categorías incorporadas (unos esquemas de pensamiento) que, a través de la educación, confieren el estatuto de realidad evidente, necesaria, indiscutible y natural, dentro de los límites de su ámbito de validez, a las categorías sociales que producen (2000, 146).

Embora nenhuma dessas teorias seja uma resposta acabada para a problemática da heterossexualidade compulsória e do binarismo impositivo, nota-se que a teoria feminista tem avançado no sentido de construir uma ressignificação do sujeito mulher, frente às novas formas de identificação de gênero que têm despontado e exigido representação e voz.

Conclusão

O feminismo pós-moderno tem se lançado numa tentativa de ressignificar as identidades de gênero através de sua construção discursiva, para além do binarismo. Tendo como ponto de partida o contexto, no qual o constructo ideológico torna invisíveis as identidades de gênero inadequadas ao modelo ditado pela heterossexualidade compulsória do desejo, teóricas da terceira onda do movimento feminista têm buscado saídas, que englobem as diversidades de gênero, que se querem ver representadas pelo feminismo.

Obras como *Profundações 2* tem completa relação com o momento atual da história feminista. São tempos de abertura, ampliação

do olhar sobre o que se entende por ser “mulher” e que “mulher” o feminismo busca representar para pautar suas demandas políticas e bandeiras sociais. Para além dessa autorreflexão do movimento, a coletânea *Profundanças* pode ser associada também à mensagem de um ideal colaborativo entre mulheres que se coaduna, em alguma medida, com a proposta do feminismo, enquanto movimento: reunir mulheres em torno de pautas relativas à sua emancipação.

Portanto, a análise do poema “Enquanto meus pés balançam”, de autoria de JeisiEkê de Lundu, presente na obra *Profundanças*, encontrou nas teorias desconstrutivistas solo fértil para sua análise, haja vista que apenas a partir da subversão das identidades e da desestabilização dos regimes de poder existentes é possível mudar o contexto no qual a matriz cultural torna não inteligível e, conseqüentemente, fora do campo da representação a identidade de gênero que não decorra nem do sexo, nem do gênero.

Referências

- AMARÓS, Célia. ALVAREZ, Ana de Miguel. “Introducción: Teoría feminista y movimientos feministas”. In: *Teoría feminista – de la Ilustración a la globalización: de la Ilustración al segundo sexo*, v. 1. Madri: Minerva, 2010.
- BEATO, Zelina. “Identidades e suas impossibilidades”. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 43(1). IEL/Unicamp, 2004, pp. 159-70.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo – fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. “Algunas cuestiones sobre el movimiento de gays y lesbianas”. In: *La dominación masculina*. Tradução de Joaquín Jordá. Barcelona: Anagrama, 2000.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- DERRIDA, Jacques. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campos das Letras, 2001.
- _____. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GALDINO, Daniella (org.). *Profundanças 2*. Ipiaú: Voo Audiovisual, 2017.
- FOUCAULT, Michel. “O saber gay”. Tradução de Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues. *Revista Ecopolítica*, nº 11, jan-abr. 2015.
- LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- LOURO, Guacira Lopes. *Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. Coletânea Gênero plural*. Miriam ADELMAN; Cilsibrönstrup SILVESTRIN (organizadoras). Curitiba: UFPR, 2002.
- LUNDU, JeisiEké de. “Enquanto meus pés balançam”. In: *Profundanças 2*. Organização de Daniela Galdino. Ipiaú: Voo Audiovisual, 2017.
- MARIANO, Silvana Aparecida. “O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 13(3): 320, set-dez. 2005.
- MOUFFE, Chantal. *Feminismo, cidadania e política democrática radical. Debate Feminista*. São Paulo: Melhoramentos, 1999.
- PINTO, Céli Regina Jardim. “Feminismo história e poder”. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 18, nº 36, pp. 15-23, jun. 2010.
- VALCÁRCEL, Amélia. “Capítulo III”. In: *La política de las mujeres*. Madri: Cátedra, 2012.

Anexo I

Enquanto meus pés balançam

JeisEkê de Lundu

Nascida sem território,
cria da beira,
nem baiana nem mineira.
Nem menino nem menina,
sempre do lado de fora, sempre à margem.
Nem macacão nem vestido.
Desejo pulsante, corpo fluido,
engrenagem solta, criação de delírio,
Espetáculo vida, isso não é teatro,
isso não é uma performance,
meu gênero é fluido,
meu corpo é onda, camaleão sem referência.
Reflexo sem espelho.
Antropofagia sem sentido.
Não quero aqui afirmar nada,
mas confrontar suas certezas consagradas.
Meu desejo não é quebrar nem juntar, mas existir.
Isso é um grito de alerta, não de socorro.
Escorrem em mim versos
de uma poesia desconexa,
sem meio nem fim.
Meu território é confuso,
minhas vértebras são tênues,
Sigo em confronto comigo mesma,

em busca de uma construção
que não pretende subtrair nem somar.
Não pretendo divagar sobre conceitos homologados
mas discorrer sobre uma existência em constante criação.
Ainda sou nascente,
não sei se pretendo chegar a algum oceano,
mas percorrer por terras criando leitos para que outros
deságuem.

Resumo

O presente artigo trata da construção discursiva da identidade de gênero para além do binarismo, buscando entender como o constructo ideológico torna invisíveis as identidades de gênero inadequadas ao modelo ditado pela heterossexualidade compulsória do desejo. Tendo como *corpus* literário o poema “Enquanto meus pés balançam”, de autoria de JeisiEkê de Lundu, intenta-se compreender como a matriz cultural torna não inteligível e, portanto, fora do campo da representação a identidade de gênero que não decorre nem do sexo, nem do gênero. Para tanto, utiliza-se como arcabouço teórico: Simone de Beauvoir (1980), Célia Amorós e Ana de Miguel Alvarez (2010), Judith Butler (2014), Pierre Bourdieu (2000), entre outros.

Palavras-chave: gênero; binarismo; representação; heterossexualidade compulsória.

Abstract

This article deals with the discursive construction of gender identity beyond binarism, seeking to understand how the ideological construct renders invisible the gender identities that are inappropriate to the model dictated by the compulsory heterosexuality of desire. Having as literary corpus the poem “As my feet Sway”, by JeisiEkê de Lundu, we attempt to understand how the cultural roots make non-intelligible and, therefore, outside the field of representation, the gender identity that does not come from sex nor gender. To do so, we use as theoretical framework: Simone de Beauvoir (1980), Célia Amorós and Ana de Miguel Alvarez (2010), Judith Butler (2014), Pierre Bourdieu (2000), among others.

Keywords: fender; binarism; representation; compulsory heterosexuality.